

ÁRVORE E POESIA

JORGE FERNANDES DA SILVEIRA

Árvore, "Folhas de Poesia". Direcção e Edição de: António Luís Moita, António Ramos Rosa, José Terra, Luís Amaro, Raul de Carvalho, 1.º fascículo, Outubro de 1951; 2.º fasc., inverno de 1951-2; 3.º fasc., primavera e verão de 1952; volume II, 1.º fasc., 1953.

"A primeira coisa por que devemos lutar é pela confiança nos destinos da poesia, que nós confundimos com o próprio destino do homem."

Com estas palavras António Ramos Rosa inicia o ensaio "A Poesia é um diálogo com o Universo", publicado na abertura do último número de *Árvore*, em 1953. Esta revista — as "Folhas de Poesia" lançadas em 1951 — é ainda hoje, decorridas mais de duas décadas, uma das mais lúcidas realizações no campo das letras em Portugal. Vários factores atestem a sua actualidade: o aparecimento ou a confirmação de poetas de agora e sempre (Sophia de Melo Breyner, Eugénio de Andrade, Egito Gonçalves, Ramos Rosa, outros); a divulgação de poetas estrangeiros (Rilke, Lorca, Vicente Alexandre, Eluard, René Char, Henri Michaux, Jorge de Lima, por exemplo); a crítica inteligente de livros editados em língua portuguesa; os ensaios que analisam a especificidade da literatura sem qualquer dado anedótico sobre a origem dos textos e a vida dos seus autores. Quanto a estes lembremo-nos do belo "Esfinge ou a Poesia", de Eduardo Lourenço:

(...) Espírito da Terra capaz de romper através da vida obscura da inércia animal para oferecer uma face de Deus ao apelo universal da luz, a Esfinge é encarnação

O trabalho de Jorge Fernandes da Silveira, inicialmente apresentado como um todo no VII Encontro Nacional de Professores Universitários Brasileiros de Língua Portuguesa, em Belo Horizonte, apresenta-se neste número de *Sema* fragmentado em dois textos autónomos (Vd "Ramos Rosa e a Poesia na pág...."), por necessidade de um melhor enquadramento temático.

perfeita da ambiguidade radical da situação humana. E ao mesmo tempo a realização plástica mais concreta do acto original do homem: a poesia. (...) É todavia difícil suportar continuamente a ideia de que o mundo, a história, os valores e os outros são para nós criação do acto de liberdade pelo qual os aceitamos ou combatemos. A tentação suprema é a de nos despirmos dessa terrível liberdade, alienando-nos para descansar no mundo dos objectos ou no mundo dos deuses. Difícil é assumir a realidade monstruosa de superar um e combater com outro, como é uma esfinge, como é um homem." (fasc. 1, p. 5-6).

Chamamos a atenção para a actualidade de *Árvore* porque ouvimos, ainda hoje, a Literatura Portuguesa Contemporânea ser acusada de oportunista e de alienada. Na verdade, devíamos dizer que a acusação recai sobre a individualidade dos autores portugueses contemporâneos, pois são eles, enquanto homens concretos, os acusados. A leitura desta revista — e de outras, é claro — impediria sentenças injustas. E, com toda a certeza, o juízo mais justo proveniente dessa leitura seria o de que não basta ao poeta, socialmente engajado, despojar-se da aura da genialidade e vestir-se de refrões populares. Ao contrário, é preciso desenvolver em todos a consciência (esta sim revolucionária) de que a poesia, mesmo a fraterna e solidária, está intimamente vinculada ao aperfeiçoamento dos meios de expressão da língua, à renovação da linguagem; a consciência de que o poema é uma dimensão da escrita, um universo de extensões linguísticas em que os conflitos sociais constituem *uma questão* inquietante, não a resposta retumbante. Por outras palavras, segundo Etienne Balibar e Pierre Macherey, há necessidade de uma *prática política* que dote escritores e leitores de um material prático para que possam intervir no modo de produção dos textos e no seu consumo social. (Sobre a literatura como forma ideológica, *Literatura Significação e Ideologia*, p. 24-5). *Árvore* nos ensina que a poesia e todas as formas do saber serão patrimônio de todos quando os meios que possibilitam o acesso à cultura deixaram de ser privilégio de uma mino-

ÁRVORE

folhas de poesia

Direcção e Edição
de

António Luís Moita, António Ramos Rosa, José Terra, Luís Amaro, Raul de Carvalho



Correspondência para: Apartado 857 — LISBOA

Officinas Gráficas de Ramos, Afonso & Moita, Lda. — R. Voz do Operário — S. Vicente de Fora — Lisboa

DIRECÇÃO GRÁFICA DE LUÍS MOITA



1.º Fascículo — Outono de 1951

Sumário

	PÁG.		PÁG.
<i>A necessidade da Poesia</i>	2	Poemas de René Char.....	48
Esfinge ou a Poesia, por Eduardo Lourenço	5		*
Viagem através duma nebulosa, de António Ramos Rosa.....	10	Poema de Alberto de Lacerda.....	53
Sobre os partidarismos em Poesia, por Alvaro Salema.....	13	Poemas de António Luís Moita	54
Poemas de António Vera.....	15	Poemas de Egito Gonçalves	57
Poemas de Cristóvam Pavia.....	17	Poemas de Luís Amaro	59
Páginas de Diário, por Matilde Rosa Araújo	19	Mãos de Mãe, por Maria Guilbermina	61
Ave perseguida, de José Terra.....	22	Nota sobre a Autora, por Matilde Rosa Araújo	62
Nocturno, de Fernando Vieira.....	28	Os Perigos da Poesia e a «Pedra Filosofal» de Jorge de Sena, por Vasco Miranda	64
«Encontros Europeus de Poesia» — Entrevista com Adolfo Casais Monteiro	29	Alguns livros de Poesia (<i>crítica</i>), por A. R. R., David Mourão-Ferreira, J. T.	69
Árvore, de Raul de Carvalho.....	34		LIVROS CRITICADOS:
Largo do Espírito Santo, 2, 2.º, de Sebastião da Gama.....	36		«Hora Entendida», de Maria da Encarnação Baptista; «Dez Odes ao Tejo», de Armindo Rodrigues; «As Coordenadas Líricas», de Fernanda Botelho; «A Vigília e o Sonho», de José Fernandes Fafe; «As Palavras Interditas», de Eugénio de Andrade; «Corpo Visível», de Mário Cesariny de Vasconcelos; «Corals», de Sofia de Mello Breyner Andresen; «Poemas», de Alberto de Lacerda; «Linha do Horizonte», de Aguinaldo Fonseca.
	*		
POETAS ESTRANGEIROS:			
Apresentação de algumas traduções de Stephen Spender, por Jorge de Sena...	38		
Poemas de Stephen Spender.....	41		
À margem duma leitura de René Char, por António Ramos Rosa.....	45		
		Desenho de Lima de Freitas	
		Extra-texto a seguir à pág. 16	

ria, e a educação for direito comum a confirmar “o próprio destino do homem”. “Difícil é assumir a realidade monstruosa de superar um e combater com outro”, dizia-nos há pouco Eduardo Lourenço.

Os poetas escrevem livros de poesia, não elaboram programas de alfabetização ou currículos escolares. Muitos se reconhecem portadores de uma cultura privilegiada. Uns, favoritos das Musas, nomeiam-se intérpretes de nuvens e estrelas ilegíveis aos olhos dos simples mortais. Outros, contudo, de frente para os conflitos sociais, refletem acerca da tensão entre a realidade e a poesia, na medida em que esta é apenas uma das modalidades ideológicas possíveis (e precárias) de arrumar e transformar os objectos do mundo. Confundir esses poetas é, no mínimo, má-fé. *Árvore* é um exemplo de luta por uma poesia participante, sem deixar de apontar os limites entre a condição humana e a criação poética. Entre elas há um compromisso inalienável. No entanto, ao invés de uma relação especular, há em todo e qualquer texto a ocupação de um espaço de diferença, pois cada autor operacionaliza os instrumentos do mundo produzidos pelas diferentes linguagens nos limites da sua própria criação. Ramos Rosa afirma: “O homem ‘humano’ existe apenas num processo de constante superação, em que tende a uma nova estruturação dele mesmo e da *praxis* em que se insere; o poeta não existe senão pelo poema, pois não existe um estado poético prévio ou permanente: é o próprio poema que o eleva à condição poética, que o faz poeta. Em ambos existe uma actividade ou um acto que os opõe ao contexto quotidiano estabelecido para alcançarem um novo real que integre tudo quanto os quadros sociais não conseguem fazer viver.” (*Poesia, Liberdade Livre*. p. 24-5). Se ainda existem sujeitos incapazes sequer de uma única leitura dos textos, o analfabetismo dos leitores não é programado pelos poetas.

Talvez possamos interpretar os objectivos da revista à luz de “A Poesia é um Diálogo com o Universo”, uma *profissão-de-fé*, um *manifesto*, se nos é lícito identificá-lo assim. Por seu intermédio, *Árvore* passa a sua vida a limpo, reitera a proposta inicial, realizada com extrema beleza e dignidade, de ser a divulgadora de uma poesia social, fraterna e de alto valor artístico: “Poesia é o maior abraço com que o homem enlaça a vida e todo o poeta sonha esse encontro com a vida que, realizado, é o cumprimento

do seu próprio destino humano, é a própria Poesia.” (fasc. 1. vol. II, p.10).

“Notícias do Bloqueio”, de Egitto Gonçalves, poema antológico da “resistência portuguesa”, como que prossegue em verso a prosa de Ramos Rosa: “Vai pois e notícia com um archote/ aos que encontres de fora das muralhas/ o mundo em que nos vemos, poesia/ massacrada e medos à ilharga.” (fasc. I, vol. II, P.14). Os homens, a cidade, foram protagonistas das “Folhas de Poesia”, personagens duma poética em que o trabalho é o articulador das estruturas. Há neles a inscrição de termos que arriscam extrapolar a área dos versos e alcançar a prática do quotidiano, fazendo da guerra significado constrangedor, contundente: “Sebes de espingarda ladeiam jardins/ onde crianças brincam aos soldados morrendo a cada instante,/ e nos jornais em que os mendigos embrulham a comida/ há margens, sulcos sangrentos denunciando assassínios e suicídios.” (José Bento, “Cidade”, fasc. 1, vol. II, p. 15). Desta temática os versos de Ramos Rosa são também testemunho do trabalho de um intelectual que assume o papel de mediador na luta social, por saber que a homogeneidade e a consciência política de classe não nascem naturalmente: “O tempo da razão/ (e não da fantasia)/ em que os versos são soldados comprimidos/ que guardam as armas dentro do coração/ que rasgam os seus pulsos para fazer do sangue/ tinta de escrever duma nova canção.” (“O tempo concreto”, fasc. 2, p.139).

Em suma, *Árvore* dá os frutos concernentes à poesia. É a poesia no limiar do seu próprio conceito. A noção de poema estende-se à de poesia. Poesia fundada na prática do corpo, membros e sentidos, uma totalidade orgânica. O homem historicado pelas relações sociais de trabalho. Estas são as reservas geradoras da fala, o circuito tenso entre as sensações, o cérebro e a língua. Assim o homem concretiza o diálogo com o universo. Identifica-se poeta. E poeta é aquele que pode dispor de um excedente da linguagem social e sabe transformá-lo em verso. Poesia é um jogo de tensões entre a experiência do olhar sobre o real extrínseco e a possibilidade de interpretar a diferença que se interioriza na criatividade de um trabalho sobre a linguagem. Tais pressupostos não são estranhos à poesia de António Ramos Rosa.

LIVRARIA
EDITORA
ESCOLAR



LIVRO
TÉCNICO
CIENTÍFICO
E
ESCOLAR

Rua da Escola Politécnica, 80-A — Telefone 66 40 40

— 1200 LISBOA